

ESTRATÉGIAS DE LEITURA NA LÍNGUA INGLESA

Portal
IDEA
.com.br



Uso do contexto imediato (frase e parágrafo) na compreensão de textos em língua estrangeira

A leitura em uma língua estrangeira é um processo dinâmico que envolve muito mais do que a simples decodificação de palavras. Entre as estratégias fundamentais para a construção de sentido durante a leitura, destaca-se o **uso do contexto imediato** — ou seja, a análise da frase e do parágrafo onde as palavras e expressões estão inseridas. Essa habilidade permite ao leitor deduzir significados de termos desconhecidos, identificar relações entre ideias e compreender melhor a estrutura e o propósito do texto.

O contexto imediato oferece ao leitor pistas linguísticas e semânticas que ajudam na inferência de significados. Segundo Nation (2001), uma das formas mais eficazes de aprender vocabulário novo é por meio do uso do contexto textual. Quando o leitor encontra uma palavra desconhecida, ele pode observar os elementos ao seu redor — como sinônimos, antônimos, exemplos ou explicações — que ajudam a revelar seu significado. Por exemplo, em uma frase como “*He was elated — happier than he had ever been in his life*”, mesmo que o leitor não conheça a palavra *elated*, a explicação logo após o travessão fornece uma pista clara de que se trata de um sentimento de grande alegria.

Além das pistas dentro da própria frase, o parágrafo funciona como uma unidade de sentido mais ampla, onde as ideias são desenvolvidas de maneira mais coesa. Grabe e Stoller (2011) afirmam que os leitores eficazes utilizam o parágrafo como uma ferramenta para organizar as informações e construir inferências com base nas relações entre as frases. Muitas vezes, uma palavra pode fazer sentido apenas quando vista no conjunto do parágrafo, onde seu papel semântico se torna mais evidente.

A análise do contexto imediato também é fundamental para evitar equívocos causados por **cognatos falsos** — palavras semelhantes entre línguas, mas com significados diferentes. Um exemplo clássico é a palavra inglesa *actual*, que significa “real” e não “atual”, como muitos estudantes de português podem imaginar. Ao analisar a frase “*The actual cause of the problem was*

unknown”, é possível perceber, pelo contexto, que se trata da causa “real” ou “verdadeira”, e não da “atual” causa. Wallace (1992) destaca que a leitura atenta do contexto reduz consideravelmente o risco de interpretações equivocadas.

Outro aspecto relevante do uso do contexto imediato é sua contribuição para a **fluência da leitura**. Ao invés de interromper constantemente o fluxo da leitura para consultar o dicionário, o leitor treinado em contextualização tenta primeiro deduzir o significado pelo que está ao redor. Nuttall (2005) aponta que essa autonomia na leitura fortalece a confiança do aluno e melhora sua capacidade de manter o ritmo necessário para entender textos mais longos e complexos.

Do ponto de vista pedagógico, desenvolver a habilidade de leitura contextualizada requer prática sistemática com textos autênticos e adequados ao nível linguístico do aluno. Atividades que envolvem sublinhar palavras desconhecidas, identificar palavras-chave no parágrafo, ou responder a perguntas inferenciais com base em frases específicas são úteis para exercitar essa competência. Anderson (1999) sugere que o ensino explícito de estratégias de inferência e contextualização deve fazer parte do currículo de leitura, pois facilita o desenvolvimento de leitores mais autônomos e críticos.

Além disso, o uso do contexto imediato fortalece a compreensão de **relações lógicas e discursivas**. Palavras e frases de transição como *however, therefore, in contrast, for instance* indicam relações entre as ideias expressas nas frases ou nos parágrafos. O reconhecimento dessas estruturas ajuda o leitor a entender não apenas o significado das palavras, mas também a progressão argumentativa do texto.

Em síntese, o uso do contexto imediato — analisando a frase e o parágrafo — é uma das estratégias mais valiosas no processo de leitura em língua estrangeira. Ele permite ao leitor deduzir significados com base em pistas linguísticas e semânticas, evita interpretações erradas, reduz a dependência do dicionário e desenvolve a fluência textual. Ao promover a leitura ativa, reflexiva e contextualizada, essa estratégia contribui significativamente para a formação de leitores mais competentes, críticos e autônomos.

Referências bibliográficas

- Anderson, N. J. (1999). *Exploring Second Language Reading: Issues and Strategies*. Boston: Heinle & Heinle.
- Grabe, W., & Stoller, F. L. (2011). *Teaching and Researching Reading*. Harlow: Pearson Education.
- Nation, I. S. P. (2001). *Learning Vocabulary in Another Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.
- Wallace, C. (1992). *Reading*. Oxford: Oxford University Press.



Identificação de cognatos e falsos cognatos na leitura em língua estrangeira

A aprendizagem de uma língua estrangeira envolve diversas estratégias para facilitar a compreensão e retenção de vocabulário. Entre essas estratégias, destaca-se o uso de **cognatos**, ou seja, palavras que possuem **semelhança gráfica e/ou fonológica** com palavras da língua materna e que, frequentemente, compartilham o mesmo significado. No entanto, essa aparente familiaridade pode se tornar um obstáculo quando o estudante se depara com os **falsos cognatos** — palavras semelhantes na forma, mas com significados diferentes. Por essa razão, desenvolver a habilidade de **identificar cognatos e falsos cognatos** é essencial para uma leitura eficaz e segura em língua estrangeira, especialmente no inglês.

Cognatos verdadeiros, também chamados de cognatos regulares, são palavras de origem comum entre línguas diferentes, principalmente de raízes latinas ou gregas. Eles facilitam a leitura por possibilitarem uma compreensão quase imediata de seu significado. Palavras como *family* (família), *important* (importante) e *animal* (animal) são exemplos típicos de cognatos entre o inglês e o português. Como destaca Nation (2001), o reconhecimento automático desses vocábulos durante a leitura amplia o vocabulário receptivo e contribui para a fluência textual, pois reduz o esforço cognitivo de interpretação.

Contudo, a semelhança entre palavras de idiomas distintos pode enganar. Os chamados **falsos cognatos** ou *false friends* são palavras que se assemelham visualmente ou foneticamente às palavras da língua materna, mas têm significados diferentes. Um dos exemplos mais recorrentes é a palavra inglesa *actually*, que não significa “atualmente”, mas sim “na verdade”. Outro exemplo comum é *pretend*, que significa “fingir” e não “pretender”. A leitura sem o devido cuidado com essas palavras pode gerar **interpretações equivocadas**, comprometendo a compreensão do texto.

Segundo Grellet (1981), o uso indiscriminado da tradução palavra por palavra, aliado à confiança cega na aparência lexical, é uma das principais causas de erro na leitura em língua estrangeira. Por isso, o leitor deve ser treinado para **avaliar o contexto** em que a palavra aparece, a fim de verificar se o significado é compatível com a leitura esperada. Assim, a identificação de falsos cognatos depende não apenas da memória visual, mas também de uma leitura atenta e contextualizada.

No processo de ensino-aprendizagem de línguas, a distinção entre cognatos e falsos cognatos pode ser explorada por meio de atividades comparativas, leitura de textos curtos com vocabulário misto e exercícios de escolha de significado com base em frases contextualizadas. De acordo com Brown (2007), esse tipo de abordagem favorece o desenvolvimento da consciência linguística e promove a autonomia do estudante ao lidar com novos vocábulos.

É importante também considerar o papel da **frequência e exposição repetida** ao vocabulário como forma de solidificar o conhecimento. Quando o aluno encontra cognatos verdadeiros e falsos cognatos repetidamente em diferentes textos, ele passa a reconhecer padrões de uso e significado. Essa exposição reforça o aprendizado e reduz a chance de erro em leituras futuras. Krashen (2004) defende que o input linguístico contínuo e significativo é essencial para a internalização do vocabulário, e o contato frequente com palavras em diferentes contextos é uma das formas mais eficazes de aprendizagem.

Além disso, é relevante trabalhar com listas selecionadas de falsos cognatos, especialmente aqueles que aparecem com frequência em textos acadêmicos, jornalísticos e técnicos. Ao conhecer essas armadilhas lexicais com antecedência, o leitor se torna mais crítico e atento durante a leitura. Como destaca Wallace (1992), a formação de leitores competentes em uma segunda língua envolve tanto o conhecimento da estrutura da língua quanto a habilidade de monitorar sua própria compreensão.

Em suma, a identificação de cognatos e falsos cognatos é uma competência importante para estudantes de línguas estrangeiras, pois contribui para a leitura fluente, evita erros de interpretação e fortalece o vocabulário ativo e passivo do aluno. O desenvolvimento dessa habilidade exige prática, consciência linguística e atenção ao contexto, sendo uma etapa essencial para a consolidação da proficiência leitora em inglês ou qualquer outro idioma.

Referências bibliográficas

- Brown, H. D. (2007). *Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy*. White Plains, NY: Pearson Longman.
- Grellet, F. (1981). *Developing Reading Skills: A Practical Guide to Reading Comprehension Exercises*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Krashen, S. D. (2004). *The Power of Reading: Insights from the Research*. Portsmouth, NH: Heinemann.
- Nation, I. S. P. (2001). *Learning Vocabulary in Another Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wallace, C. (1992). *Reading*. Oxford: Oxford University Press.

Uso de prefixos e sufixos para dedução de sentido em leitura em língua estrangeira

No processo de leitura em língua estrangeira, como o inglês, uma das estratégias mais eficazes para ampliar a compreensão e a autonomia do leitor é o uso do conhecimento morfológico, especialmente no que diz respeito aos **prefixos** e **sufixos**. Esses elementos, que formam parte da estrutura das palavras, podem fornecer pistas valiosas sobre o significado de vocábulos desconhecidos. Ao desenvolver a habilidade de identificar e interpretar essas unidades, o leitor torna-se capaz de **deduzir o sentido das palavras** com mais eficiência, mesmo sem o auxílio do dicionário.

Os **prefixos** são elementos colocados antes da raiz da palavra, geralmente modificando seu significado original. Por exemplo, ao se deparar com a palavra *unhappy*, o leitor que conhece o prefixo *un-* como indicador de negação pode facilmente deduzir que o termo significa “infeliz”. Já os **sufixos**, colocados após a raiz, costumam indicar a classe gramatical da palavra e, muitas vezes, adicionam um sentido específico. Em *happiness*, por exemplo, o sufixo *-ness* transforma o adjetivo *happy* (“feliz”) em um substantivo (“felicidade”).

De acordo com Nation (2001), o ensino de morfologia, particularmente o reconhecimento de prefixos e sufixos comuns, é um componente essencial do desenvolvimento do vocabulário em línguas estrangeiras. O autor destaca que a maioria das palavras do inglês pode ser dividida em partes reconhecíveis que auxiliam na dedução de significado. Essa análise morfológica torna-se especialmente útil durante a leitura de textos acadêmicos, jornalísticos ou técnicos, nos quais frequentemente aparecem palavras complexas e compostas.

Além de facilitar a compreensão lexical, a análise de prefixos e sufixos também contribui para a identificação da função sintática da palavra no contexto da frase. Por exemplo, palavras terminadas em *-ly*, como *quickly* ou *sadly*, indicam advérbios; já aquelas com *-tion*, como *information* ou *creation*, são substantivos derivados de verbos. Segundo Grabe e Stoller

(2011), essa consciência morfológica ajuda o leitor a prever o papel da palavra na sentença, o que melhora a fluidez e a precisão na leitura.

Para desenvolver essa habilidade de forma eficaz, é importante que os alunos sejam expostos a listas organizadas de prefixos e sufixos com significados frequentes. Prefixos como *re-* (novamente), *dis-* (negação), *pre-* (antes), e sufixos como *-able* (capaz de), *-ment* (resultado), *-ful* (cheio de) são exemplos que ocorrem amplamente em textos de variados gêneros. Como aponta Nuttall (2005), o ensino sistemático desses elementos morfológicos oferece ao aluno ferramentas para lidar com vocabulário novo sem depender exclusivamente da memorização ou tradução.

Além da instrução direta, a **leitura extensiva** de textos adaptados e autênticos também contribui para o reconhecimento e consolidação dessas estruturas. Krashen (2004) argumenta que a exposição contínua à língua em uso real, por meio de leituras variadas, promove a internalização natural dos padrões linguísticos, inclusive das formações morfológicas mais recorrentes. Quanto mais o aluno se depara com essas formas em diferentes contextos, mais facilmente ele será capaz de inferir seus significados com precisão.

O uso de prefixos e sufixos também tem impacto direto sobre a confiança e a autonomia do leitor. Quando o aluno se sente capaz de deduzir o significado de uma palavra longa e desconhecida por meio de sua estrutura, ele desenvolve maior fluência e motivação para continuar lendo. Essa habilidade reduz a ansiedade, melhora o desempenho em atividades de leitura e estimula o interesse pelo vocabulário em uso, o que é essencial para o progresso na proficiência linguística.

Do ponto de vista pedagógico, atividades que incentivam a decomposição morfológica de palavras são altamente recomendadas. Exercícios como completar palavras com sufixos apropriados, associar prefixos a significados, formar novas palavras a partir de raízes conhecidas e identificar mudanças de classe gramatical por meio de sufixação são estratégias eficazes. Anderson (1999) sugere que esse tipo de atividade promove uma aprendizagem mais consciente e sistemática do vocabulário, fortalecendo as bases linguísticas do estudante.

Em síntese, o uso de prefixos e sufixos como ferramenta para a **dedução de sentido** é uma estratégia poderosa no ensino e na prática de leitura em língua estrangeira. Essa habilidade, aliada a uma leitura contextualizada, contribui significativamente para o enriquecimento lexical, a compreensão textual e o desenvolvimento da autonomia leitora. Ao dominar a morfologia da língua, o estudante não apenas amplia seu vocabulário, mas também se torna um leitor mais eficiente, crítico e independente.

Referências bibliográficas

- Anderson, N. J. (1999). *Exploring Second Language Reading: Issues and Strategies*. Boston: Heinle & Heinle.
- Grabe, W., & Stoller, F. L. (2011). *Teaching and Researching Reading*. Harlow: Pearson Education.
- Krashen, S. D. (2004). *The Power of Reading: Insights from the Research*. Portsmouth, NH: Heinemann.
- Nation, I. S. P. (2001). *Learning Vocabulary in Another Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.

Criação de glossários pessoais no aprendizado de línguas estrangeiras

A aquisição de vocabulário é um dos pilares do domínio de uma língua estrangeira. Para além da simples memorização de palavras isoladas, o processo de internalização lexical envolve estratégias ativas e contextualizadas que favoreçam o uso autônomo da nova língua. Entre essas estratégias, destaca-se a **criação de glossários pessoais**, uma prática pedagógica que estimula a organização do vocabulário aprendido a partir da experiência individual de leitura, escuta e produção textual.

O glossário pessoal é, essencialmente, uma lista individualizada de palavras e expressões organizadas de maneira sistemática, geralmente acompanhadas de traduções, definições, exemplos, imagens mentais ou observações gramaticais. Ele pode ser construído em cadernos físicos, fichas, planilhas eletrônicas ou aplicativos, dependendo do estilo de aprendizagem e das preferências do estudante. Essa prática não apenas reforça a memorização de termos, mas também cria uma base lexical reutilizável e em constante expansão.

De acordo com Nation (2001), o envolvimento ativo do estudante no processo de registro e revisão de vocabulário aumenta significativamente a retenção a longo prazo. Ao escolher as palavras que farão parte do seu glossário, o aprendiz seleciona vocabulário relevante para sua experiência linguística, o que favorece a aprendizagem significativa. Essa seleção, além de personalizada, pode ser guiada por contextos de leitura, temas específicos (como saúde, trabalho ou viagens) ou frequência de uso no idioma.

O glossário pessoal também pode incluir observações que auxiliem na distinção de significados semelhantes, uso gramatical ou aspectos culturais associados ao vocabulário. Por exemplo, ao registrar a palavra “*sympathy*”, o estudante pode anotar que, embora parecida com “simpatia” em português, seu significado é “compaixão” ou “solidariedade”. Essa prática ativa ajuda a evitar erros comuns causados por falsos cognatos, como destacam Grellet (1981) e Wallace (1992).

Outro benefício importante da criação de glossários é o estímulo ao hábito de revisão e repetição espaçada, aspectos fundamentais para a consolidação do vocabulário na memória de longo prazo. A organização do glossário por temas, categorias ou frequência permite que o estudante retome os termos com facilidade e observe seu progresso lexical ao longo do tempo. Como aponta Schmitt (2000), a frequência com que se revisa uma palavra e a profundidade com que ela é processada cognitivamente influenciam diretamente sua aquisição.

Do ponto de vista metodológico, a construção do glossário pessoal pode ser integrada a diversas atividades de leitura, escuta e produção oral ou escrita. Durante a leitura de um texto, por exemplo, o aluno pode sublinhar palavras desconhecidas, inferir seus significados a partir do contexto e, posteriormente, registrá-las com exemplos próprios. Grabe e Stoller (2011) enfatizam que o vocabulário aprendido no contexto tende a ser melhor retido e mais prontamente utilizado em situações comunicativas reais.

Além disso, a elaboração do glossário fortalece a autonomia do aprendiz, pois permite que ele assuma um papel ativo em sua trajetória de aprendizado. A consciência metalinguística envolvida no processo — pensar sobre a palavra, sua forma, seu uso e seu significado — contribui para o desenvolvimento de estratégias cognitivas importantes, como inferência, categorização e síntese. Anderson (1999) salienta que alunos bem-sucedidos são aqueles que sabem planejar, monitorar e avaliar suas próprias estratégias de aprendizagem, e a criação de glossários se insere perfeitamente nessa lógica.

A prática do glossário pessoal também pode ser aplicada em contextos colaborativos, como em trabalhos em grupo ou projetos temáticos. Compartilhar glossários entre colegas permite a troca de conhecimentos, a comparação de estratégias e a ampliação do repertório lexical. Em ambientes digitais, essa colaboração pode ser potencializada com ferramentas online que permitem edição coletiva, comentários e organização em nuvem.

Em síntese, a **criação de glossários pessoais** é uma ferramenta valiosa e multifuncional no aprendizado de línguas estrangeiras. Ao unir organização, personalização e reflexão linguística, essa prática não apenas fortalece o vocabulário do estudante, mas também desenvolve sua autonomia, consciência linguística e capacidade de se expressar com mais precisão e confiança. Incorporá-la de forma sistemática ao processo de ensino-aprendizagem é, portanto, uma estratégia altamente recomendável para aprendizes em todos os níveis.

Referências bibliográficas

- Anderson, N. J. (1999). *Exploring Second Language Reading: Issues and Strategies*. Boston: Heinle & Heinle.
- Grellet, F. (1981). *Developing Reading Skills: A Practical Guide to Reading Comprehension Exercises*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Grabe, W., & Stoller, F. L. (2011). *Teaching and Researching Reading*. Harlow: Pearson Education.
- Nation, I. S. P. (2001). *Learning Vocabulary in Another Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Schmitt, N. (2000). *Vocabulary in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wallace, C. (1992). *Reading*. Oxford: Oxford University Press.

Agrupamento de palavras por tema e função no aprendizado de línguas estrangeiras

O vocabulário é um dos componentes essenciais no desenvolvimento da proficiência em uma língua estrangeira. A forma como o léxico é organizado e memorizado influencia diretamente na fluência, na precisão e na capacidade de compreensão e produção textual. Nesse contexto, o **agrupamento de palavras por tema e função** surge como uma estratégia eficaz para facilitar o aprendizado, a retenção e o uso contextualizado de novos vocábulos. Essa prática favorece a construção de redes semânticas, estimula a organização mental do conhecimento linguístico e amplia a autonomia do estudante.

O agrupamento por tema, também conhecido como **organização lexical temática**, consiste em reunir palavras relacionadas a um mesmo campo semântico ou situacional, como “alimentos”, “partes do corpo”, “meios de transporte”, “emoções”, “ambiente de trabalho”, entre outros. Já o agrupamento por função considera o papel gramatical ou comunicativo que as palavras desempenham, como verbos de ação, adjetivos descritivos, expressões para pedir opinião, conectores argumentativos etc. Essa distinção permite ao aprendiz associar palavras não apenas por seu significado, mas também por sua aplicabilidade em contextos comunicativos reais.

De acordo com Nation (2001), o ensino e o aprendizado de vocabulário são mais eficazes quando as palavras são apresentadas de forma sistematizada, favorecendo o reconhecimento de padrões e a criação de conexões mentais entre itens lexicais. Quando o aluno aprende palavras dentro de um mesmo campo temático, a memorização torna-se mais significativa, pois as associações se baseiam em relações lógicas e contextuais. Por exemplo, ao estudar o tema “viagem”, o estudante pode reunir vocábulos como *passport*, *luggage*, *flight*, *boarding pass*, *hotel*, *itinerary*, o que facilita a evocação e o uso desses termos em situações reais.

Além da temática, o agrupamento por **função linguística** também contribui para o desenvolvimento da competência comunicativa. Palavras que cumprem papéis semelhantes em uma interação, como verbos modais (*can, should, must*), expressões de concordância (*I agree, You're right, Exactly*), ou conectores discursivos (*however, because, therefore*), são mais facilmente internalizadas quando organizadas e praticadas em conjunto. Como defendem Grabe e Stoller (2011), essa abordagem promove a consciência do funcionamento da língua e prepara o estudante para utilizá-la com maior flexibilidade e adequação.

O agrupamento de vocabulário também pode ser orientado por objetivos específicos de aprendizagem. Em contextos acadêmicos ou profissionais, por exemplo, é útil organizar palavras segundo áreas de estudo ou tipos de texto. Palavras frequentemente encontradas em textos científicos, jurídicos, administrativos ou técnicos podem ser agrupadas para facilitar sua compreensão e uso. Como aponta Schmitt (2000), a abordagem orientada por propósito melhora a relevância e a utilidade do vocabulário aprendido.

Para tornar essa prática mais eficiente, o uso de **mapas semânticos** e **quadro de categorias** pode ser incentivado. Embora esses recursos sejam visuais, sua lógica pode ser aplicada mesmo em contextos puramente textuais: ao listar palavras novas, o aluno pode classificá-las de acordo com o tema tratado, sua classe gramatical ou a função que exercem na comunicação. Nuttall (2005) ressalta que a categorização ativa o pensamento analítico do estudante, o que contribui para uma retenção mais profunda e duradoura do vocabulário.

Do ponto de vista pedagógico, atividades de leitura, escrita e oralidade podem ser planejadas para incorporar o agrupamento de vocabulário. Por exemplo, após a leitura de um texto sobre alimentação saudável, os alunos podem listar palavras relacionadas a alimentos, hábitos alimentares, sentimentos relacionados à saúde, verbos de rotina e adjetivos descritivos. Em seguida, esses grupos podem ser utilizados em produções orais e escritas, o que reforça o uso contextualizado do vocabulário.

A prática sistemática dessa estratégia também fortalece a autonomia do aprendiz, pois o ajuda a desenvolver seus próprios métodos de organização lexical. Wallace (1992) afirma que o leitor eficaz é aquele que não apenas reconhece palavras isoladas, mas que compreende sua função dentro de sistemas de significados e usos recorrentes. Ao agrupar palavras, o estudante passa a visualizar o vocabulário como um sistema em rede, e não como uma lista arbitrária de itens desconectados.

Em síntese, o **agrupamento de palavras por tema e função** é uma estratégia poderosa para a aprendizagem lexical em línguas estrangeiras. Ao organizar o vocabulário com base em critérios semânticos e funcionais, o estudante fortalece sua memória, amplia sua fluência e melhora sua capacidade de comunicação. Incorporar essa prática ao processo de ensino e aprendizagem é um passo importante para formar usuários mais competentes, conscientes e independentes da língua.

Referências bibliográficas

- Grabe, W., & Stoller, F. L. (2011). *Teaching and Researching Reading*. Harlow: Pearson Education.
- Nation, I. S. P. (2001). *Learning Vocabulary in Another Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.
- Schmitt, N. (2000). *Vocabulary in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wallace, C. (1992). *Reading*. Oxford: Oxford University Press.

Reforço de vocabulário por repetição e leitura extensiva

O domínio do vocabulário em uma língua estrangeira é um dos pilares para o desenvolvimento da competência comunicativa, tanto na compreensão quanto na produção textual. Entre as estratégias mais eficazes para consolidar o léxico, destacam-se a **repetição espaçada** e a **leitura extensiva**. Ambas as abordagens contribuem para o fortalecimento da memória lexical e promovem o uso autônomo da língua em contextos reais. A combinação dessas estratégias permite não apenas a memorização de palavras, mas também sua internalização em estruturas funcionais e significativas.

A repetição é um mecanismo natural de aprendizagem e tem sido amplamente estudada no campo da aquisição de vocabulário. De acordo com Nation (2001), a aprendizagem de uma nova palavra exige múltiplos encontros com essa palavra em diferentes contextos. O autor sugere que uma palavra pode precisar ser encontrada de cinco a dez vezes antes que seu significado seja totalmente retido e utilizado com segurança. Esse processo é mais eficiente quando ocorre de forma espaçada, isto é, com revisões periódicas distribuídas ao longo do tempo, e não concentradas em um único momento.

A **repetição espaçada**, apoiada por estudos sobre memória e aprendizagem, contribui para que o vocabulário passe da memória de curto prazo para a memória de longo prazo. Essa técnica pode ser aplicada por meio de fichas de estudo (como o sistema Leitner), aplicativos de repetição espaçada, glossários pessoais e revisões regulares de listas de palavras aprendidas. Schmitt (2000) reforça que quanto mais variada for a exposição à palavra — em diferentes frases, textos e contextos — maior será a chance de ela ser retida e utilizada adequadamente.

Complementar à repetição está a **leitura extensiva**, que envolve a leitura voluntária e contínua de textos relativamente fáceis e interessantes para o leitor. Ao contrário da leitura intensiva, que foca na análise detalhada de textos curtos, a leitura extensiva visa à fluência e ao prazer pela leitura.

Krashen (2004) defende que o contato frequente e contextualizado com a língua escrita, em textos com vocabulário acessível, é um dos meios mais poderosos de aquisição lexical. Nessa modalidade, o aprendiz encontra palavras conhecidas em novos contextos, o que reforça seu significado e uso funcional, além de encontrar novas palavras em situações que favorecem sua dedução e retenção.

A leitura extensiva tem a vantagem de expor o leitor a formas linguísticas autênticas e variadas, oferecendo modelos naturais de uso da língua. Conforme aponta Nuttall (2005), a repetição de estruturas e vocabulário em diferentes textos permite que o estudante reconheça padrões e absorva a linguagem de forma subconsciente. Isso reduz a necessidade de tradução, estimula a inferência de significado e fortalece a confiança do leitor diante de novos desafios linguísticos.

Outro benefício da leitura extensiva é o fortalecimento da motivação. Ao escolher textos de seu interesse, o aprendiz se engaja com mais prazer no processo de leitura, o que aumenta o tempo de exposição à língua e, consequentemente, a repetição natural de vocabulário. Grabe e Stoller (2011) ressaltam que a motivação intrínseca gerada pela leitura voluntária é um fator determinante para a continuidade do aprendizado, já que o aluno passa a associar a leitura ao prazer e não apenas à obrigação acadêmica.

Para maximizar o reforço lexical, é recomendável que professores e aprendizes combinem essas duas estratégias. Por exemplo, após a leitura de um conto, notícia ou artigo, os alunos podem selecionar palavras recorrentes e incluí-las em seus glossários, praticando-as por meio de atividades de repetição espaçada. Essa abordagem integrada, que une **exposição contextualizada** e **revisão sistemática**, promove ganhos significativos na consolidação do vocabulário.

Do ponto de vista pedagógico, a repetição e a leitura extensiva devem ser estimuladas desde os níveis iniciais de proficiência. Materiais autênticos ou adaptados, como contos, crônicas, blogs, quadrinhos e livros de leitura graduada, são recursos valiosos para esse fim. Atividades como releitura,

recontagem e resumos também ajudam a promover a reutilização ativa do vocabulário.

Em síntese, o **reforço de vocabulário por repetição e leitura extensiva** é uma estratégia eficaz, acessível e motivadora para aprendizes de línguas estrangeiras. A repetição permite fixar palavras na memória de longo prazo, enquanto a leitura extensiva proporciona contexto, variedade e prazer na aprendizagem. A combinação dessas práticas favorece não apenas a memorização de palavras, mas sua apropriação efetiva para o uso comunicativo, contribuindo para uma proficiência mais fluente, precisa e autônoma.

Referências bibliográficas

- Grabe, W., & Stoller, F. L. (2011). *Teaching and Researching Reading*. Harlow: Pearson Education.
- Krashen, S. D. (2004). *The Power of Reading: Insights from the Research*. Portsmouth, NH: Heinemann.
- Nation, I. S. P. (2001). *Learning Vocabulary in Another Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.
- Schmitt, N. (2000). *Vocabulary in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press.